



Chrys Chrystello\*

## Bucólica, ou de como eu gostava que a ilha permanecesse

No amanhecer silencioso de São Miguel, a ilha acorda lentamente sob o típico manto de neblina suave que se ergue do Atlântico. As calçadas antigas, testemunhas de tantas histórias, guardam os passos apressados dos primeiros trabalhadores do dia. O aroma do café escapa pelas janelas entreabertas, encontrando-se com o frescor salgado do mar na Calheta de Pero de Teive que a ganância governativa destruiu.

No parque de estacionamento a que chamam de mercado improvisado da Graça, à espera das obras de Santa Engrácia, os sorrisos e os cumprimentos matinais aquecem o ambiente. Aqui, o tempo parece correr de maneira diferente, medido pelos ciclos da natureza e pelas tradições que resistem à passagem dos calendários. Entre bancas de frutas frescas e peixes acabados de pescar, ouvem-se vozes que parecem vir de um passado distante, contando segredos de gerações. Parece um daguerrotipo doutras eras.

Na costa norte, os poucos pescadores que ainda usam as artes, preparam as redes, com os olhos voltados para o horizonte, enquanto as mãos calejadas seguem uma coreografia aprendida desde a infância. Cada nó, cada gesto, é uma ligação com o mar que dá e, às vezes, toma. Eles sabem que a fartura e a escassez são parte do mesmo ciclo inquebrantável e só a teimosia lhes permite continuar na faina...

À medida que a manhã avança, as escolas vão-se enchendo de risos

e duma algaraviada de sons em salas onde faltam, cada vez mais, professores e os que há não caminham para jovens, pois esses são os futuros guardiões da ilha, que ali aprendem sobre o mundo que os rodeia, sobre as raízes, que os mantêm firmemente ligados a este pedaço de terra, sem saberem quanto tempo mais resistirão ao apelo da diáspora. Nas aulas de história, aprendem sobre navegadores e vulcões, tempestades e reconstruções, que sempre teceram a tapeçaria da identidade açoriana, um misto de miséria, trabalho e fé contra os elementos.

E assim, em São Miguel, cada dia é uma nova página escrita com a simplicidade de quem sempre viveu em harmonia com a terra e o mar que nem as torrentes de turistas de mil e uma línguas distintas conseguem destrinçar. Umanova página se escreve, onde passado e presente se entrelaçam num delicado equilíbrio, mas preservando a essência da comunidade que, apesar do mundo ao seu redor, mantém viva a chama da tradição e da história, mesmo que as drogas sintéticas lhes roubem mais e mais gente. Até quando?

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713  
MEEA-AJA (IFJ)



Daniela Silveira

## Política Açoriana Imprópria para Consumo

A política dos Açores atravessa um dos momentos mais sombrios da sua história recente, com sinais claros de que o Estado de Direito, Democrático e Representativo está em declínio. A qualidade do discurso político e dos seus intervenientes degrada-se a cada dia, refletindo o desinteresse por princípios e valores fundamentais. A casa da democracia açoriana, que deveria ser palco de debates esclarecidos, tem sido transformada num cenário de horror, onde discursos frágeis e manobras políticas afrontam a inteligência coletiva.

No último plenário, assistimos a mais um episódio vergonhoso protagonizado pela coligação PSD-Chega, com a famosa aprovação de uma recomendação que é, à luz do ordenamento jurídico, inconstitucional. A recomendação que discrimina bebés açorianos, é um atentado aos princípios fundamentais da República. No entanto, cientes da ilegalidade do acto, os intervenientes encenaram um teatro político: um acordo de cavalheiros que não foi transportado para um documento oficial. Essa manobra, que instrumentaliza bebés vulneráveis, não passa de um jogo político sujo que não nos evitará uma nova vergonha nacional, protegendo o frágil equilíbrio desta coligação.

Multiplicaram-se promessas vazias e anúncios bombásticos. Foram milhões para cá, milhões para lá, recordes atrás de recordes anunciados com pompa. Mas, há recordes de que não se fala. A Cáritas já alertou para a nova pobreza que assola os Açores, com trabalhadores que, apesar de terem emprego, não conseguem dinheiro suficiente para comprar comida. O aumento de casos de violência doméstica e o consumo crescente de drogas e álcool desenham um retrato sombrio de uma sociedade cada vez mais fragilizada. Os preços das casas

continuam a asfixiar os orçamentos familiares, enquanto os Açores permanecem líderes nos 32 indicadores de atraso social que nos colocam sistematicamente no topo dos rankings mais desoladores.

Nas escolas, portas caem em cima de alunos, e faltam mais de 300 assistentes operacionais. Os agricultores estão à beira do colapso financeiro. Portos e aeroportos permanecem à espera das obras de ampliação e modernização prometidas, mas nunca concretizadas. Enfermeiros aguardam o pagamento da atualização das suas carreiras, contratos COVID continuam por regularizar, e a cultura continua à espera da execução das verbas relativas ao RJAAC de 2024.

O cenário é igualmente desolador no setor da proteção civil. Bombeiros estão há largos meses à espera do pagamento de dívidas, enquanto a dívida a fornecedores continua a galopar para um garrote financeiro imposto pelas dívidas astronómicas da administração pública. No sector das obras públicas e privatizações, dezenas de concursos públicos continuam a ficar desertos. Para completar o quadro de insolvência técnica, chegamos ao ponto de depender da banca para pagar salários da função pública e dos trabalhadores da SATA, um sintoma do esgotamento total do modelo de gestão regional.

A política açoriana atingiu o fundo do poço. Não apenas pela qualidade dos seus discursos, mas pela distância abissal entre as prioridades da população e a agenda de quem deveria representá-la. Não há democracia que prospere sem seriedade no debate público e compromisso com as promessas feitas. Sem uma renovação urgente, tanto de valores quanto de protagonistas, os Açores continuarão prisioneiros do atraso e da mediocridade. Enquanto isso, a política regional permanece, lamentavelmente, imprópria para consumo.